

Afinidades Eletivas

Em sua visita de chefe de Estado à França, dia 27, Fernando Henrique Cardoso estará levando a Paris a imagem de um Brasil democrático, moderno, estabilizado. Pela primeira vez em muito tempo, os franceses estarão hospedando um presidente brasileiro legitimado nas urnas, respeitado internacionalmente e com profundas ligações com a cultura francesa.

É sabido que os franceses relacionam o poder à identidade nacional e respeitam o político que é também pensador. Fernando Henrique foi professor em Nanterre. Conviveu com boa parte da intelectualidade francesa, e por isso será homenageado na Sorbonne, menos como presidente do que como um par das mais ilustres inteligências da França.

O presidente brasileiro será distinguido com um colóquio de alto nível na célebre universidade sobre o tema *O Brasil num mundo em transformação*, do qual participarão Jacques Delors, ex-ministro da Economia de François Mitterand e ex-presidente da Comissão Européia por mais de uma década, os sociólogos Alain Touraine e Edgar Morin, Ignacy Sachs e o historiador François Furet.

Brasil e França vivem simultaneamente um processo de transformação em seus respectivos Estados, procuram ajustar-se a seus blocos regionais e enfrentam os caprichos da globalização da economia. Fernando Henrique aproveitará a ocasião para refletir, do ponto de vista brasileiro, sobre o esmaecimento do Estado, a volatilidade dos capitais, a proteção das moedas nacionais, os fluxos de informação e as transformações planetárias deste fim de século.

O governo francês considera a viagem do presidente Fernando Henrique da mais alta importância e, desde fevereiro, Jacques Chirac

chamou a atenção de seus ministros para o evento. Numa perspectiva de longo prazo, o Brasil é visto em Paris como o principal ator do tabuleiro sul-americano. Na hora em que o mundo se convencer de que o Brasil reencontrou o rumo certo e dele não se desviará, os grandes investimentos produtivos virão para ficar. A visita do presidente brasileiro dará visibilidade ao Plano Real.

Brasil e França assinarão um acordo de caráter geral, para servir de motor às relações econômicas entre os dois países. Há forte expectativa de incremento nas relações comerciais, cujos sinais já estão sendo dados pela Renault e pela Eletricité de France. A presença do ministro Weffort na comitiva está relacionada com a cooperação bilateral no campo audiovisual e no do Patrimônio Histórico e Artístico.

A influência da França é antiga. Os enciclopedistas marcaram os inconfindentes do século XVIII. Depois vieram os artistas da Missão Francesa, os viajantes e cientistas, como Ferdinand Denis, D'Orbigny e Saint Hilaire. Nosso comércio de livros começou com os franceses Plancher, Laemmert, Garnier e Garraux. Missões militares gaulesas aqui estiveram em 1906 e 1919.

Brasil e França nunca se separaram. Fernando Henrique Cardoso pertence à vertente cultural da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da Universidade de São Paulo, fundada em 1934, e que teve em seus quadros uma ilustre plêiade de franceses: o historiador Fernand Braudel, o antropólogo Claude Lévy-Strauss, o sociólogo Roger Bastide, o geógrafo Pierre Mombeig.

Com a formação e a experiência do presidente brasileiro, o diálogo em Paris terá o sabor de um reencontro.